

Coluna do Castello

Pesquisa secreta anima Sarney

Atacar sem piedade o presidente José Sarney. Vasculhar a fundo a vida dos adversários para descobrir escândalos passados. Estes dois pontos têm sido receita largamente usada na campanha para a Presidência da República. Mas pode estar errada. Ampla pesquisa feita pelo Ibope sob encomenda do Palácio do Planalto, em mãos de Augusto Marzagão, assessor do presidente, demonstra que esta estratégia não bate com a intenção dos eleitores. A pesquisa mostra que 53% dos eleitores não escolheram seu candidato pelo grau de oposição a Sarney e acham que denúncias em vésperas das eleições não merecem a mínima credibilidade. Exemplo: cerca de 50% dos eleitores de Paulo Maluf votarão nele porque acreditam na sua capacidade de administrar o país, embora tenham sérias dúvidas sobre sua honestidade. Uma espécie de versão moderna do esperto *slogan* inventado pelo ex-governador de São Paulo, Adhemar de Barros, o "rouba mas faz".

Os números não mostram que o presidente Sarney está a salvo, pelo contrário, sua popularidade anda mal. O seu índice de rejeição junto aos brasileiros e brasileiras está em torno de 56%. Nas capitais, a rejeição é de 60%, no interior 30%. Mas pior que Sarney está o governo, isto é, a administração pública como um todo — municipal, estadual e federal. Todos juntos têm um índice de rejeição de 73%. O cidadão anda desesperançado em relação aos seus administradores. São tachados, segundo a pesquisa, de frouxos, sem autoridade, aproveitadores, enfim, o diabo. Neste ponto, há dados preocupantes: 50% dos pesquisados não acreditam nas instituições, seja no Executivo, Legislativo e Judiciário. Há perigoso descrédito em tudo. Os brasileiros acham que os ocupantes de cargos públicos são culpados pelas suas desgraças, não importa quem, nem o partido. "Querem punir o governo como um todo, sem saber muito bem porque", analisa Marzagão.

Em economia a questão é mais confusa ainda. Há um sentimento generalizado de frustração, provavelmente provocado pelo fracasso do Plano Cruzado e com raiva os cidadãos atiram para todos lados. O eleitorado brasileiro, de acordo com a pesquisa, está em busca de alguém que aponte fórmula para satisfazer necessidades imediatas que, aliás, são mais simples do que se imagina. O povo quer comida, casa e alguma sobra no final do mês para um lazer bem singelo, uma cerveja pelo menos. Questões como dívida externa e interna, as complexidades da inflação passam ao largo das preocupações cotidianas dos brasileiros. A economia é vista como uma coisa complicada e ininteligível. O FMI - Fundo Monetário Internacional é tido por 11% dos pesquisados como órgão do governo federal que já deveria ter sido fechado pelo presidente Sarney.

A pesquisa mostra ainda, que o governo federal é apontado por todas as mazelas da administração pública mas não leva nenhuma vantagem sobre os acertos. Os brasileiros atribuem, na ordem de 55%, às mulheres dos prefeitos, vereadoras e damas caridosas o programa de distribuição do leite da LBA. Em Minas Gerais, por exemplo, os pesquisados creditaram à vice-governadora Júnia Marise, que apóia o presidenciável Collor de Mello, adversário do presidente Sarney, os benefícios da distribuição do leite. A tristeza só não é maior para o presidente Sarney porque mesmo que não lhe atribuam acertos, dona Marly é dona de invejável conceito junto a Opinião Pública: 74% dos pesquisados acham que ela é uma senhora digna, simples e honesta. Com sua discreção dona Marly conseguiu o milagre de ser popular mesmo sendo mulher de presidente com alto índice de rejeição nacional.

Na questão sucessória a pesquisa encerrada pelo Palácio do Planalto confirma, com cores mais fortes, o que os números publicados pelos jornais vem demonstrando: é grande a porcentagem de indecisos. Apenas 35% dos eleitores estão decididos, 75% dos que manifestaram sua preferência declararam que poderão mudar de candidato. O que demonstra que o jogo sucessório ainda poderá mudar muito. Collor, segundo análise de Marzagão, com base nos números, beneficiaria do título "caçador de Marajás", que sintetiza toda a raiva do cidadão contra a administração pública. Enfim, uma espécie de marca registrada muito feliz e difícil de ser substituída nesta altura da campanha. O slogan pegou, como a Coca Cola.

O presidente Sarney, apesar de tantos indicativos desfavoráveis, animou-se com o resultado da pesquisa. Ficou satisfeito em saber que apesar de os brasileiros considerarem que há corrupção no seu governo não lhe atribuem a pecha de corrupto; acreditam que ela é praticada pelos que o cercam, sem sua conivência. Animou-o também saber que não está só no barco da impopularidade. Junto com ele estão todos os detentores do poder, de senadores a vereadores, passando por juízes. Nestes sete meses que lhe sobram tratará de trabalhar sua imagem junto a opinião pública, para separar o joio do trigo - o que for de sua responsabilidade pagará, o que não for jogará nas costas de quem cabe a culpa. Sarney prepara-se para, pelo menos, sair pela porta da frente do Palácio do Planalto no dia 15 de março próximo.

Filho de Sarney diz que pai se acha 'sofredor'

CAMPO GRANDE — O presidente José Sarney reconhece que não fez um governo dos sonhos dos brasileiros e sente-se "um sofredor", embora acredite que realizou o governo "do possível, da pacificação democrática, das eleições livres, da afirmação do sindicalismo, da liberdade absoluta da imprensa". A afirmação é de seu filho Fernando José Sarney, 33 anos, presidente da Empresa de Energia Elétrica do Maranhão e membro do conselho administrativo da Eletro Norte. Fernando esteve ontem nesta capital participando de uma reunião das empresas que integram a Associação das Distribuidoras da Electricidade do Norte e Nordeste, da qual é também presidente.

Desejo — Apesar de toda a mágoa que carrega, o presidente José Sarney não abre mão de um desejo, confirmado por seu filho Fernando: o de ver instalado em São Luís do Maranhão, até o término de seu mandato, memorial com que pretende perpetuar sua passagem pelo Palácio do Planalto. Embora Fernando afirme que se trata de um centro de pesquisas dos presidentes da República e "não uma coisa pessoal dele", a própria escolha da terra natal para sediar o museu demonstra a preocupação de Sarney em não ser esquecido pelos brasileiros. "Essa hipótese não existe. O Maranhão, não vai esquecer nunca. Só daqui a mil anos vai ter outro filho presidente", diz Fernando.

O centro de pesquisas funcionará no prédio que abrigava o Convento das Mercês e as obras estão sendo realizadas pelo governo do Maranhão. Fernando garante que não serão absorvidos US\$ 18 milhões. "Serão uns três ou quatro milhões de dólares apenas", disse Para desenvolver o projeto, o Palácio do Planalto enviou técnicos a vários países, como Estados Unidos e França, e a iniciativa partiu do próprio presidente. "Como intelectual que é, o Sarney é preocupado com a falta de memória e nosso país. Não é uma coisa pessoal, é com finalidade para pesquisas. O presidente é imenso", afirma seu filho.

Sobre o quadro sucessório, Fernando Sarney diz que tem conversado pouco com o pai, mas adiantou que o presidente já acredita na vitória de Fernando Collor de Mello no primeiro turno. "É uma liderança muito grande, praticamente consolidada, definitiva, embora não deva crescer mais do que mostram as pesquisas", avaliou. Fernando considera "uma besta" uma aliança das forças de centro para combater o ex-governador de Alagoas. Sobre Collor, imagina o pior: "O país não poderia ter presidente pior, se conseguir chegar inteiro até o segundo turno. Collor diz combater a tudo e a todos, inclusive os marajás que ele próprio criou. É o que o povo quer ver, mas não é o que ele é."